

O Difícil Convívio das Escolas com o "Lixo Social"...

Por ADEMAR FERREIRA DOS SANTOS

Domingo, 11 de Abril de 2004

Que tipo de escola pública querem os portugueses que o Estado, directamente, mantenha e promova? Uma escola que integre e "recicle" o lixo social ou uma escola que o esconjure e o rejeite, de preferência (economia, estúpido!), o mais precocemente possível?

A retórica e a estatística, nesta matéria, não mentem e dão a resposta. A escola pública estatal que vamos tendo é uma escola que procura sibilinamente conciliar os dois pólos da antinomia: na norma, é uma escola que acolhe e integra (venham a mim todos os deserdados da sociedade!); na praxis, é uma escola que discrimina e rejeita (para quem duvida, aí estão as elevadíssimas taxas de abandono escolar precoce a demonstrá-lo).

Repito então a pergunta inicial: que escola queremos, a da norma ou a da praxis? À esquerda, humanista, o coração inclina-a para a primeira; à direita, pragmática, foge-lhe o pé para a segunda. É possível, numa lógica conciliatória, superar o dilema? Não é. A escola pública estatal dita democrática provou, em 30 anos, que não é capaz de conciliar...o inconciliável. Daí que a actual maioria pretenda, por uma vez, compatibilizar a cara com a careta. Se a escola pública que temos é uma escola que, na prática, esconjura e rejeita o lixo social, então aproximemos a norma da realidade e acentuemos os mecanismos da selecção natural, disseminando pelo ensino básico, pragmaticamente, o salvatério dos exames e concentrando, desejavelmente, o lixo nos dois primeiros ciclos, para mais facilmente o identificar e eliminar ou reciclar (poupando-se, ademais, os alunos e professores do 3º ciclo e do secundário ao pernicioso contágio dos "desgraçadinhos").

As consequências previsíveis da opção saltam à vista: a escola básica estatal (de seis anos) tornar-se-á progressivamente um aterro sanitário, já que a nata da sociedade tenderá a procurar abrigo noutros portos; o abandono escolar será cada vez mais precoce; e, com o pretendido agravamento dos mecanismos de selecção, um menor número de alunos afluirá ao terceiro ciclo, ao secundário e, porventura, ao próprio ensino superior (economia, estúpido!). Concomitantemente, impor-se-á um reforço do ensino técnico-profissional, para o qual passará a ser encaminhado o lixo marginal reciclável.

Diga-se que, na lógica tradicional da direita, esta opção é meridianamente coerente e exequível e tem a vantagem de estar, em larga medida, testada (no Portugal anterior ao 25 de Abril). Verdadeiramente problemáticas são, num país iletrado e conformista como continua a ser o nosso, as alternativas de esquerda à situação miserável a que fomos conduzidos. A direita aponta, carregando a tecla da demagogia efficientista, o caminho mais fácil (e, socialmente, mais perverso): exames, exames, mais exames. Mas a esquerda, senhores: terá ela, verdadeiramente, alguma alternativa séria para propor ao país, para além da repetição ad nauseum do discurso pretensamente inclusivo em que os Pilatos da administração educativa, diariamente, lavam as mãos?!... Eis a questão!

Professor